

ENTRE O PRAZER E A TRANSGRESSÃO: UMA RESENHA DA OBRA *E SE EU FOSSE PUTA*

Giovane Alves de Souza¹

Esta resenha tem como objetivo discutir a relevância do livro *E se eu fosse puta*, obra de estreia de Amara Moira – doutoranda, travesti e prostituta que vem ganhando notoriedade em meio à militância LGBT. O livro foi lançado pela editora Hoo em 2016 e traz à tona a temática da prostituição não somente como meio de sobrevivência, mas de prazer. A seguinte leitura crítica percorre os capítulos do livro realçando os pontos positivos da obra em relação ao mercado editorial vigente, bem como para as atuais vozes da comunidade Trans. Por fim, a resenha é finalizada com considerações a respeito do que significa ser uma escritora trans no Brasil atualmente, e deixa indagações sobre o panorama atual do mercado editorial brasileiro em relação aos escritos da vivência do LGBT.

Os estudos sobre a sexualidade feminina vêm ganhando notoriedade no panorama acadêmico nacional e internacional. Da metade do século XX, com o lançamento de *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, até os dias atuais, com a democratização da internet e o crescimento do acesso ao conhecimento acadêmico, muito se acrescentou ao movimento feminista. Tais estudos dão passagem para as mais diversas vozes no curso do entendimento da diversidade humana no que compete à sexualidade; muitas dessas vozes, inclusive, antes tácitas, agora são vistas em meio às multidões sendo não somente ouvidas, como também replicadas.

Em *História da sexualidade 1: a vontade de saber*, Foucault já dizia que no decorrer dos séculos XVIII e XIX a maneira com que cada indivíduo usava o seu sexo passou a ser assunto de interesse do Estado, posto que o sexo abarca problemas econômicos e políticos referentes à população, tais como taxa de natalidade, a idade do casamento, organização familiar, entre outros. Tal interesse por esta parte da vida privada da população era inédito, considerando a visão conservadora e repressiva que se tinha sobre o sexo até o século XVII.

Tal fenômeno, no decorrer dos séculos, fez do sexo uma trilha que viabilizava poder às mais diversas classes da população – não deixando as mulheres de fora desse evento. Mas, o que acontece quando esse poder sobrecarrega as mãos de uma prostituta? Ainda mais sendo

¹ Aluno de Graduação em Letras (habilitação em língua inglesa) pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. Email: giovane.oficial@hotmail.com

esta uma travesti? É neste cenário que está inserida a obra a aqui ser resenhada: *E se eu fosse puta* (MOIRA, 2014). O livro, lançado em 2016 pela editora Hoo, teve origem no blog de Amara Moira, no qual a autora relatava a sua vivência como puta e travesti, atentando para o seu relacionamento com os clientes, e os questionamentos referentes à sua existência.

De forma geral, *E se eu fosse puta* apresenta, em cerca de duzentas páginas, relatos da vivência da autora, apresentados em capítulos concisos de linguagem transparente e intimista, nos quais se é possível transitar entre as indagações e significâncias do “ser trans” em uma das mais antigas profissões que se tem conhecimento. A obra também abarca acontecimentos da vivência de Amara Moira, que vão desde antes da transição, até os primeiros namoros, passando pela primeira transa e pela vida na pornografia; além de destacar as subdivisões do movimento feminista, as discussões sobre o afeto, e, por fim, sobre o prazer.

A obra é dividida em quarenta e quatro capítulos, sendo iniciada por um prefácio escrito por Indianara Alves Siqueira, militante LGBT que, assim como Amara, é uma das trabalhadora do sexo que se considera “putafeminista”², ou seja, inclui-se na militância como voz às trabalhadoras do sexo na luta feminista. Em seguida, o livro conta com quadrinhos de Laerte, trazendo à tona as mais diversas facetas da personagem Muriel, em meio às crônicas de sua transição.

Em “Quem sabe um dia”, Amara Moira inicia o livro relatando seu o dia a dia: os olhares, imaginar o que estão dizendo quando a veem, e o andar de cabeça baixa, situação comum para as travestis, como se elas tivessem cometido um crime – o crime de existir. Embora o capítulo seja curto, a autora consegue sintetizar o que significa ser travesti na vida pública e como ela lida com isso, ao passo que nos relata como é ser travesti também “na esquina”, onde a autora se entende como “objeto de desejo”, revelando, deste modo, o paradoxo existencial da travesti: ser odiada em um espaço, e desejada em outro.

Em seguida, a autora revela o que aconteceu quando contou que era prostituta aos amigos, quando uma amiga, inclusive, rompeu a amizade de sete anos com ela, alegando que, ao seguir com a profissão, ela seria estuprada, contrairia AIDS, e que aceitá-la como travesti já fora o suficiente. O que é destacado nessa parte do livro denuncia o estigma sobre a profissão e sobre a identidade trans. E, ainda nesse capítulo, a autora relata que ser tratada como prostituta

² Denomina-se “putafeminista” a pessoa que luta pelo direito das trabalhadoras do sexo. Esta é uma das subdivisões do movimento feminista.

foi algo que recaiu sobre ela juntamente a sua identidade, posto que, para ela, travestis são, desde cedo, tratadas como prostitutas.

Já em “O pornô das putas”, abre-se espaço para uma confissão de uma experiência que ela teve com a pornografia, e de que maneira ela funcionava para as profissionais do sexo, quando uma de suas antigas namoradas a convidou para assistir uma sessão de filmagens da qual participava, e com isso a autora problematizou a valorização da mão de obra da prostituta, o valor do programa e as condições para a execução do serviço – fator recorrente durante todo o livro.

Posteriormente, em “Amamos grátis”, evidencia-se a exploração da trabalhadora do sexo, quando ela relata a situação que enfrentou com um motoqueiro bêbado, que certa vez a abordou tentando negociar valores, quando, na verdade, já estava se masturbando por debaixo da calça. Amara conta, enfurecida, como ele simplesmente “gozou com a amostra grátis”. E tal exposição à violência se agrava quando, em “As omices dos ômis”, ela problematiza um tipo de comportamento masculino recorrente em sua vivência como prostituta, quando a violência pede passagem e é praticada por seus clientes durante o ato sexual. Sendo assim, a autora questiona a necessidade direta que há entre relacionar masculinidade com violência, e evidencia o que esse tipo de comportamento implica na vida de uma profissional do sexo.

A obscuridade presente na vivência da travesti profissional do sexo não impede Amara de escrever. Em “Além de escrever putaria a travesti ainda inventa de fazer poema”, a autora presenteia o leitor com um poema que fez sobre sua vivência, no qual ela relata “a sina de ser Amara” em breves versos repletos de poesia. Porém, logo a arte se esvanece, quando, posteriormente, ela expõe a falta de higiene de alguns de seus clientes em uma conversa direta com o leitor.

Em *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*, Mary Del Priore, ex-professora de história da USP e da PUC/RJ, alerta para o fato de que, desde os tempos da Colônia, a prostituta era associada à sujeira, à doença e ao fedor, de modo que foi criado um sistema que estruturava a sua imagem, o que, por sua vez, destinava a mulher à miséria e à morte precoce. Posto isso, levando-se em conta o que é apontado por Priore e analisando a vivência de pessoas trans e travestis, a representação da profissional do sexo feita por Amara é ainda mais problemática, uma vez que a miséria e a morte são uma constante para essas profissionais; basta lembrarmos o fato de que a expectativa de vida da travesti brasileira é de 35 anos de idade, sendo que 90% das travestis e transexuais brasileiras vivem da prostituição.

Para desconstruir toda essa representação pejorativa, Amara Moira expõe uma das tantas concepções errôneas que se tem a respeito da profissional do sexo na sociedade em que vivemos

Na sequência da obra, em “A travesti e o amor que existe para nós”, a autora traz à tona a afetividade da travesti, pois, mesmo entre os avanços conquistados pela comunidade LGBT, para a mulher trans, o amor, este fator básico que fomenta a existência de qualquer ser humano, ainda é de difícil realização. A negação de uma realização amorosa destinada à comunidade Trans pode ser exemplificada quando se percebe até mesmo os outros membros da comunidade evitando se relacionar com travestis, e quando esse afeto aparece, muitas vezes, vem disfarçado, a fim de esconder um fetiche, como afirma a própria autora.

Tal aspecto já havia sido problematizado anteriormente por Maria Clara Araújo, famosa militante trans, no seu texto “Por que os homens não estão amando as travestis” – texto esse que sobrecarregou o blog Transfeminismo, onde foi publicado, pela quantidade de acessos. Nesse texto, Maria Clara chamou atenção para este fator que já havia sido problematizado em relação à afetividade da mulher negra; contudo, desta vez, foi trazido à militância LGBT para elucidar mais um dos problemas enfrentados pela travesti. Para tal, Maria Clara citou o exemplo do jogador de futebol Ronaldo, e a repercussão dada por parte da mídia quando ele foi visto saindo com travestis, gerando, inclusive, uma entrevista exclusiva com o programa *Fantástico*, da rede Globo de televisão, usada para “limpar” a imagem do jogador.

O livro de Amara Moira nos faz pensar também na abertura do mercado editorial nos dias atuais. É possível afirmar que as editoras não escondem seus escritores e escritoras LGBTs; porém, Amara Moira abriu passagem para um novo tipo de militância no Brasil: a escrita da travesti e prostituta que é marginalizada em ambos os lados da sociedade, seja dentro ou fora da comunidade LGBT, dando voz àquelas que antes não eram ouvidas, e que agora serão não somente ouvidas mas sim, lidas e reproduzidas país afora. Deste modo, a travesti, antes vista somente nas ruas, agora pode ser vista também no mercado editorial e, posteriormente, na Academia.

Cumprir notar também que, para além dos debates dentro comunidade, tal conquista abrange também reflexões sobre a prostituição e como esta profissão se manteve por tanto tempo sem o seu devido reconhecimento. E, nesse debate, vale ressaltar a relevância das conquistas putafeministas, levando em consideração que o Brasil é o país com o maior índice de assassinatos de pessoas trans. E a obra resenha demonstra grande acerto ao trazer à luz as

questões aqui apresentadas, uma vez que expõe tais questões através da voz vivente desta realidade.

Com isso, *E se eu fosse puta é*, de forma geral, um livro provocante. Amara Moira instiga o leitor, a todo o momento, com linguagem simples e direta, a respeito do que se sabe sobre a vivência da travesti profissional do sexo, ao passo que ela problematiza questões referentes ao “ser trans” no Brasil, educando e provocando o seu público, com uma nova perspectiva sobre a travesti: a de que além de prostituta, ela também pode ser escritora, viabilizando, deste modo, novos caminhos àquelas e àqueles que antes se viam por um único rumo.

Por fim, Amara não somente abriu passagem para a travesti que quer ser mais do que prostituta, ela realçou que a prostituição nem sempre precisa ser um destino incontestável destinado àquelas que não têm outra escolha – visto que a autora também é professora e possui doutorado –, ela assegurou que ser uma profissional do sexo pode também ser fruto de uma escolha espontânea, escolha esta que se torna assegurada, inclusive, pela simples vontade de querer sentir prazer.

Referências

ARAÚJO, Maria Clara. Por que os homens não estão amando as mulheres trans? Disponível em: < <http://blogueirasnegras.org/2015/10/17/por-que-os-homens-nao-estao-amando-as-mulheres-trans-2/>>. Acesso em: 29 Mai. 2017.

G1. Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais, diz pesquisa. Disponível em: < <http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2017/04/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais-no-mundo-diz-pesquisa.html> >. Acesso em: 22 Jun. 2017.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Trad. ALBUQUERQUE, Maria Thereza da Costa e ALBUQUERQUE, J.A. Guilhon. São Paulo: Graal, 2007.

MOIRA, Amara. *E se eu fosse puta*. São Paulo: Hoo, 2016.

PRIORE, Mary Del. *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2012.

*Recebido em 07 de agosto de 2017
Aprovado em 16 de novembro de 2017*